

Economistas dos EUA criticam Plano Baker e apóiam perdão da dívida

por Paulo Sotero
de Washington

A rejeição, pelo governo do presidente Ronald Reagan, de propostas que contemplam perdão parcial para a dívida externa dos países em desenvolvimento continua forte mas não é mais monolítica. Num estudo intitulado "The World Debt Crisis and Its Resolution", publicado na semana passada pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), dois economistas do governo criticaram o chamado Plano Baker como "insuficiente" e afirmaram que "soluções dramaticamente diferentes para resolver a crise da dívida (como o perdão de uma parte da dívida contraída pelos países mais severamente endividados) ajudarão a colocar os países em desenvolvimento num caminho de crescimento renovado e devem ser consideradas".

Ecoando por vezes algumas posições dos mais duros críticos da receita ortodoxa, até agora seguida pelo próprio governo americano, Mathew Shane e David Stallings, os autores do trabalho, afirmam ter chegado à conclusão "que os efeitos negativos da crise da dívida sobre o comércio internacional e o desenvolvimento são maiores do que os custos potenciais de se perdoar uma parcela da dívida externa de alguns países".

"O caráter cumulativo das mudanças de políticas para um grupo de países que, individualmente, são partes relativamente pequenas do sistema de comércio mundial, teve um efeito substancial no comércio internacional. Até 1983, os países devedores de renda média eram o segmento da economia global que crescia mais rapidamente", escreveram Shane

e Stallings, que trabalham no Serviço de Pesquisa Econômica do USDA.

Lembrando que a estratégia até agora seguida não produziu o resultado que prometera — da retomada do crescimento sustentado nos países devedores —, os dois economistas advertem que as dificuldades que os países mais endividados enfrentam "podem estar retardando o crescimento do comércio e da economia mundial".

Em sua crítica, Shane e Stallings não deixam de assinalar a insuficiência do Plano Baker. Depois de mostrar que desde 1983 os países em desenvolvimento estão exportando capital para os países ricos, a um ritmo médio de US\$ 30 bilhões por ano, eles afirmam que o Plano Baker, que previa a transferência líquida de US\$ 10 bilhões para quinze países endividados, quando foi anunciado, em 1985, teria que ser três vezes maior para eliminar esse fluxo perverso de recursos.

"Os ajustamentos (impostos) pela crise da dívida forçaram os países em desenvolvimento (e, possivelmente, a economia mundial) para um equilíbrio de crescimento lento", assinalam os economistas..

No final do trabalho eles revelam a razão pela qual o USDA assumiu publicamente uma posição dissidente, no governo americano, em relação ao problema da dívida. "Como os países endividados foram tradicionalmente mercados em expansão para as exportações agrícolas dos EUA, o principal efeito da crise da dívida foi limitar o comércio internacional em geral, o comércio agrícola como parte do comércio global, e as exportações agrícolas dos EUA em particular."